

Pecado Nada Original

Somos filhos do tempo, de um só nascimento, da caça, da mesma raça e da necessidade louca de acreditar.

Pedras ao vento, cultos, livros ocultos, correntes, conventos e um cheiro forte de açoite no ar.

Somos filhos do tempo, de um só argumento, da mesma cor, da mesma dor, do mesmo sol, do mesmo luar.

E essa força bruta que não para, nem deixa que sequem as manchas de sangue na cara e nas paredes do altar.

São guerras, brancos nos pretos, cruzadas ordeiras, parteiras de povos, de mitos e de um imenso pesar.

Branças são as conquistas, bandeiras e terras à vista, fincadas nas peles vermelhas, sangradas pela essência do Ser e pelo não querer ser.

E se todos na rua entrassem na sua e começassem a revolucionar?

Não existe um pecado, nem lei, nem legado que não se possa repensar.

Temos sangue dos místicos, irmandade com os vícios, herdeiros-negreiros do mundo, vindos fundo mar.

Mas não nascemos perdidos, fomos vendidos por um sussurro e pelo pecado simples de amar.

Somos filhos do tempo, de um só provimento e da profecia tosca de um dia levar.

São verdades de becos, das forcas, dos guetos e das fogueiras em brasa... o som da madeira, em seu eterno tilintar.

Pregos nas palmas, grito nas almas, espíritos em silêncio, veneno, cicuta e um tímido panfleto, renascido, a flutuar.

E se todos na rua entrassem na sua e começassem a revolucionar?

Não me deram o recado que nasci com o pecado que não cheguei a consumir.

Homo sapiens erectus ou humanos patéticos?

Darwins herméticos ou livros sintéticos?

Verdade nas vozes, nas luzes, nos gritos sabáticos ou no imoralmente profético?

Não nascemos perdidos, fomos apenas iludidos pela doçura do sal e pelo peso potente do ar.

O passado forja o futuro, mas marca no corpo presente de um santo de agora existente, esquecido, deixado de lado.

Perdidos pela última arrogância, mas ainda nos resta a esperança da eterna constância, da única mudança, sempre continuar.

E se todos na rua entrarem na sua e continuarem a revolucionar?